



DIREITO ^E MARXISMO

transformações na América Latina contemporânea
Vol. 3

Enzo Bello
Organizador

Direito e Marxismo:
transformações na América Latina
contemporânea

Enzo Bello
Organizador

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL**

Presidente:

Roque Maria Bocchese Grazziotin

Vice-Presidente:

Orlando Antonio Marin

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Prof. Isidoro Zorzi

Vice-Reitor:

Prof. José Carlos Köche

Pró-Reitor Acadêmico:

Prof. Evaldo Antonio Kuiava

Coordenador da EducS:

Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)

Gilberto Henrique Chissini (UCS)

Israel Jacob Rabin Baumvol (UCS)

Jayne Paviani (UCS)

José Carlos Köche (UCS) – presidente

José Mauro Madi (UCS)

Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)

Paulo Fernando Pinto Barcellos (UCS)

Direito e Marxismo: transformações na América Latina contemporânea

Enzo Bello
Organizador

Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto na Faculdade de Direito e no Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor no Programa de Pós-Graduação em Direito da UCS. Consultor, avaliador *ad hoc* e membro da Comissão Minter/Dinter na Área de Direito da Capes/Ministério da Educação. Editor-chefe da revista *Culturas Jurídicas* (PPGDC/UFF).

Colaboradores:

André Roberto Ruver
Aline Andrighetto
Daniel Araújo Valença
Daniela Mesquita Leutchuk de Cademartori
Diego Augusto Bayer
Gabriela M. Kyrillos
Geovana Prante Gasparotto
Guilherme Gomes Ferreira
Guilherme Rodrigues Tartarelli Pontes
Humberto Conceição Lippo Pinheiro
Idília Fernandes
Ilana Lemos de Paiva
Jane Cruz Prates
Jean Lucca de Oliveira Becker
João Ignácio Pires Lucas
José Antônio Siqueira Pontes
Karina Macedo Fernandes
Lisélen de Freitas Avila
Lucas de Alvarenga Gontijo

Luciano Augusto Henning
Luiz Fernando Scheibe
Márcio de Souza Bernardes
Maria Beatriz Oliveira da Silva
Maria de Fátima Schumacher Wolkmer
Milena Petters Melo
Monia Peripolli Dias
Monique Soares Vieira
Nadia Regina Wacheleski
Natalia Martinuzzi Castilho
Patricia Krieger Grossi
Pavlova Perizollo Leonardelli
Raquel Fabiana Lopes Sparemberger
Rene José Keller
Sergio Urquhart de Cademartori
Thaísa Cristina Guimarães Fonseca
Thiago Rafael Burckhart
Tiago Menna Franckini
Vitor Sousa Freitas



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

D598 Direito e marxismo [recurso eletrônico] / org. Enzo Bello, Martonio Mont'Alverne Barreto Lima, Sérgio Augustin. - Caxias do Sul, RS : Educs, 2014.
4 arquivos digitais.

ISBN 978-85-7061-743-9 (v. 1)

ISBN 978-85-7061-739-2 (v. 2)

ISBN 978-85-7061-740-8 (v. 3)

ISBN 978-85-7061-741-5 (v. 4)

Apresenta bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

Conteúdo: v. 1. Materialismo histórico, trabalho e educação – v. 2. Economia globalizada, mobilização popular e políticas sociais – v. 3. Transformações na América Latina contemporânea – v. 4. Meio ambiente.

1. Direito e socialismo – América Latina. 2. Filosofia marxista. I. Bello, Enzo. II. Lima, Martonio Mont'Alverne Barreto. III. Augustin, Sérgio.

CDU 2.ed.: 340.11:316.26(7/8=134)(0.034.1)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1. Direito e socialismo – América Latina | 340.11:316.26(7/8=134)(0.034.1) |
| 2. Filosofia marxista | 141.82 |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460.



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax PABX (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

A violência sexual contra crianças e adolescentes e o método em Marx

Geovana Prante Gasparotto

Monique Soares Vieira

Patricia Krieger Grossi

1 Introdução

O presente trabalho traz como objetivo realizar uma análise crítico-reflexiva sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes sob a luz das categorias – historicidade, totalidade e contradição – do método dialético-crítico. O desvendamento deste fenômeno requer uma apreensão com maior profundidade dos fatores engendrados para o seu aparecimento e perpetuação na sociedade contemporânea. Compreender a dinâmica da violência sexual infanto-juvenil, na sua complexidade e multiplicidade, significa abandonar teorias e apreensões lineares. Neste sentido, desvendar tal expressão da violência exige um caminho que percorra os artifícios desenhados pelo fenômeno.

A violência sexual contra crianças e adolescentes configura-se como um fenômeno multidimensional de extrema violação de direitos contra a pessoa humana. Por ser uma violência historicamente construída, no interior das relações sociais, sua apreensão não pode limitar-se a determinismos e, impreterivelmente, a teorias explicativas unívocas. Os processos de (re)vitimização e culpabilização das vítimas advêm da predominância da cultura machista e do senso comum, mas, sobretudo, de apreensões reducionistas implicadas em transformar a violência sexual em um conceito absoluto e fechado. Nessa direção, pretende-se realizar uma discussão, buscando analisar o fenômeno da violência sexual nas suas múltiplas faces, não excluindo as dinâmicas dimensões dos diferentes contextos, tempos e espaços nos quais ela se manifesta. O método dialético-crítico, norte da análise deste trabalho, permite uma ultrapassagem da aparência dos fenômenos. Para esse método não existe uma linearidade para o caminho da realidade e, portanto, não busca ou, mesmo, não se contenta com apreensões superficiais e empiricistas.

Percorrer a realidade das crianças e adolescentes vítimas de violência sexual exige uma compreensão crítica dos aspectos que permeiam o seu acometimento, seja no âmbito da família ou nas relações externas ao núcleo familiar. Torna-se imprescindível desvendar as diversas configurações que esta expressão da violência vem assumindo na sociedade contemporânea, uma vez que a multiplicidade das faces, que recobrem a violência sexual, ocultam a totalidade do fenômeno. O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente realizou-se uma breve reflexão acerca da dialética materialista de Marx como método crítico para análise da realidade, especialmente para analisar o fenômeno da violência sexual. Em um segundo momento, a discussão fora permeada pela abordagem das categorias historicidade, totalidade,

contradição e mediação para o desvendamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, no intuito de *desocultar* o fenômeno na sua essência, buscando romper com a pseudoconcreticidade que o envolve.

2 A investigação da realidade e o método dialético-crítico

O estudo da violência e suas diversas implicações é um desafio permanente, imposto a pesquisadores, quando crianças e adolescentes são as vítimas deste fenômeno, a complexidade torna-se um elemento intransponível para uma análise mais aprofundada. O tema da violência encontra-se entre os assuntos de maior relevância social na academia contemporânea, seja ela no âmbito urbano, psicológico, físico, patrimonial ou ainda contra segmentos historicamente subalternizados como crianças e adolescentes, mulheres, idosos e homossexuais. Contudo, a violência sexual ainda hoje é recoberta por mitos, vergonhas e segregações. A revelação deste “segredo” é temida por todos os indivíduos que permeiam as relações das vítimas, por configurar a mancha no ideário construído da *sagrada família*, ou mesmo, por representar, nas situações de exploração sexual, o fim da lucratividade do explorador sob a criança. Neste sentido, Silva refere que

a violência se impõe como um fenômeno que apresenta uma dinâmica complexa, diversificada, concreta e material. Ou seja, ela possui uma lógica que não é criada abstratamente pela razão humana ainda que possa e deva ser compreendida, descrita e analisada com o apoio do pensamento humano. Portanto, a razão não é absoluta e não constrói isoladamente a realidade, mas reconstrói com o auxílio do pensamento crítico.¹

O fenômeno da violência sexual é multideterminado, ou seja, a sua incidência não se dá ao acaso e sua reprodução não concede apenas por um fator. Desvendar os meandros impingidos nesta violência requer apreender a sua totalidade e não a fragmentação ou mesmo a generalização das suas faces. A realidade dos fenômenos a partir da dialética é compreendida nas constantes transformações, resultantes dos movimentos que modificam suas bases, pois a realidade não é uma petrificação de movimentos, ao contrário, como aponta Marx² é “a síntese de múltiplas determinações”, estando, portanto, em movimento e expansão. Não somente a realidade está em constantes transformações, os conceitos muitas vezes considerados como verdades absolutas como determinavam os positivistas também sofrem significativas modificações. Essa compreensão de abandono de categorias puras e isoladas, para categorias mescladas ao processo histórico, fora apreendida por Marx e Engelsa uma crítica realizada à dialética idealista de Hegel:

A grande ideia fundamental de que não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos, em que as

¹ SILVA, 2012, p. 2.

² MARX, 1999, p. 50.

coisas que parecem estáveis, da mesma forma que seus reflexos no cérebro do homem, isto é, os conceitos, passam por uma série ininterrupta de transformações, por um processo de surgimento e caducidade, nas quais em última instância se impõe sempre uma trajetória progressiva, apesar de todo o seu caráter fortuito aparente e de todos os recuos momentâneos.³

Cury,⁴ analisando a dinâmica das categorias do método, explicita que estas não são formas puras, ou seja, não podem ser consideradas isoladamente e fora do movimento da realidade. O autor refere ainda que o engodo de excluí-las do movimento contraditório resulta em uma ocultação da realidade, ou seja, torna-as como objetos de contemplação, petrificando as múltiplas determinações do real. Lefebvre⁵ refere que, diferentemente da lógica concreta que é a dialética, a lógica formal apreende o fenômeno “imobilizando-o numa essência escolasticamente separada, distinta, abstrata: a pedridade da pedra a sinidade dos sinos”. As categorias são consideradas históricas e transitórias para o método dialético-crítico, ou seja, não são eternas, mas historicamente determinadas, sendo compreendidas por Cury,⁶ como conceitos básicos para a reflexão sob as conexões e relações dos aspectos gerais e essenciais da realidade. Nesse sentido, Marx⁷ considera que “as categorias expressam, portanto, formas e modos de existência e com frequência simples aspectos desta sociedade, deste sujeito; desde o ponto de vista científico, sua existência anterior ao momento em que se começa a falar dela como tal”.

As categorias no processo de análise da realidade encontram-se dialeticamente interligadas, não podendo, assim, ser fragmentadas ou autonomizadas umas das outras. A escolha, neste trabalho, por separá-las em subitens, almeja apreender o movimento que o fenômeno da violência sexual realiza a partir da clarificação de tais categorias. Portanto, não se pretende segmentar as categorias, ou mesmo, nas palavras de Pontes⁸ “diluí-las no mar das indeterminações abstratas, mas apenas captar o seu movimento no plano intelectual e ontológico”. Mas, sim buscar por meio da sua separação uma forma mais clara para a percepção da tessitura destas categorias dentro do fenômeno estudado. A realidade, a partir da lógica dialética materialista, apresenta-se como múltipla, diversa, contraditória e, por isso, em constante transformação, na busca incessante pela ruptura da falsa concreticidade, para se chegar à essência do fenômeno. No mundo da pseudoconcreticidade, conforme Kosik existe uma ocultação da essência do fenômeno, em que esta revela-se e esconde-se no fenômeno:

O fenômeno não é radicalmente diferente da essência, e a essência não é uma realidade pertencente a uma ordem diversa da do fenômeno. Se assim fosse efetivamente, o fenômeno não se ligaria à essência através de uma relação íntima, não poderia manifestá-la e ao mesmo tempo escondê-la; a sua relação seria reciprocamente externa e indiferente. Captar o fenômeno de

³ MARX, 2006, p. 124.

⁴ CURY, 1995.

⁵ LEFEBVRE, 1991, p. 170.

⁶ CURY, op. cit., nota 4.

⁷ MARX, 1970, p. 43.

⁸ PONTES, 2002, p. 28.

determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde.⁹

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno em que para atingir-se sua essência, é imprescindível transpor suas múltiplas aparências fenomênicas. A ultrapassagem do complexo dos fenômenos, já dizia Kosik,¹⁰ é possível no momento em que se apreende o movimento e as contradições contidas na realidade como premissas para a sua destruição. Neste sentido, o *pensamento que realmente enseja conhecer a realidade não se contenta com as abstrações que são encontradas no plano do imediato*. A busca pela essência deve procurar romper com as representações escamoteadas pelo cotidiano alienador, construído a partir da lógica formal, apreendendo, assim, o fenômeno não como um objeto fixo que precisa ser isolado. A violência sexual é dinâmica e transversal, é mutável e multifacetada, o seu desvendamento, portanto, é complexo e exige a destruição do falso concreto, porque são diversas as suas faces e os seus modos de produção e reprodução. O método para sua apreensão não pode ser o método da redução da realidade, mas como lembra Marx:

O método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado, mas este não precede de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto.¹¹

Para reconstruir a violência sexual como concreto pensado é essencial revelar as suas particularidades como um fenômeno aparente, obscuro, desordenado, e, principalmente, como um fenômeno determinado por um processo histórico, em que a produção e reprodução da violência inserem-se em um circuito de relações desiguais de gênero, faixa etária e também no âmbito social e econômico. É preciso tomar como ponto de partida, para o alcance da essência a dinâmica a que o fenômeno utiliza para suas manifestações e ocultações. Essa dinâmica inscreve-se no movimento da realidade complexa e contraditória, portanto, não admite absolutizações nem generalizações no processo de descoberta. A conexão entre os fatores que atuam como determinantes, nas situações de violência sexual, permite clarificar a complexa realidade que gira em torno do fenômeno, tal conexão estabelece-se quando se supera a imediatividade, a aparência e a fragmentação do fenômeno durante as análises. O método dialético-crítico, portanto, concede analisar a realidade a partir do seu próprio movimento, e não visa apenas conhecer e interpretar, mas sim transformá-lo, por isso é também conhecido como a *filosofia da ação*, permitindo segundo Lenin:

Uma evolução que parece reproduzir os estágios já conhecidos, mas sob uma outra forma, num grau mais elevado (negação da negação); uma evolução por assim dizer em espiral e não em linha reta; uma evolução por saltos, por catástrofes, por revoluções, por soluções de continuidade; a transformação da

⁹ KOSIK, 1976, p. 16.

¹⁰ KOSIK, 1976.

¹¹ MARX, 1999, p. 38.

quantidade em qualidade; os impulsos internos do desenvolvimento, provocados pela contradição, o choque das forças e tendências diversas agindo sobre um dado corpo, no quadro de um fenômeno ou no seio de uma dada sociedade; a interdependência e a ligação estreita indissolúvel, de todos os aspectos de cada fenômeno [...].¹²

A reflexão proposta pela dialética, de acordo com Cury,¹³ somente adquire sentido quando ela se transforma em um momento da práxis social humana. A destruição da pseudoconcreticidade, o salto de qualidade, denominado por Gramsci¹⁴ como *cartase*, somente será possível se o desvendamento da realidade *ir às raízes* do fenômeno, conhecê-lo radicalmente, transcender a sua aparência. O método dialético-crítico ao inscrever-se na perspectiva radical, enriquece a busca pelo conhecimento, ao mesmo tempo em que não se esgota nas respostas imediatas, mas ao contrário, provoca e instiga, pois, ao mesmo tempo, é capaz de perguntar, criar novas repostas, afirmá-las e negá-las em uma busca incessante pelo real.

2.1 Desvendando o processo histórico da violência sexual

A discussão sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes remete fundamentalmente aprendê-la a partir do processo histórico no qual se manifesta, buscando, na raiz do fenômeno, a sua essência. A concepção histórica da violência sexual permite uma análise que ultrapassa o plano do imediato, caminhando na direção do desvendamento das conexões existentes na constituição do fenômeno e no movimento do real. Pontes¹⁵ considera que a categoria historicidade não apenas apreende o objeto dentro da dinâmica histórica, mas sim busca a historicidade dentro do próprio objeto, tomando-o desta forma como componente do processo histórico e não apenas como resultado.

A categoria marxiana da historicidade é a chave heurística para o desvendamento da história, pois é a partir dela, mas não somente dela, que se revelam as múltiplas determinações que incidiram para a constituição do fenômeno, suas variações e manifestações. Por seu caráter de provisoriedade, a história não é concebida como estática e imutável, mas em movimento e em constante *vir a ser*. A concepção histórica marxista não se confunde com a concepção historicista, pois concede o fenômeno como partícipe do processo, inserido no movimento do real e não como algo petrificado, resignado ao passado, mas sim em constantes transformações. A importância da categoria historicidade para a apreensão da violência sexual concentra-se em buscar junto à história do fenômeno suas origens, suas primeiras manifestações, propiciando a reconstrução do objeto em estudo. Neste sentido, Pontes tece que o método dialético-crítico apresenta duas características: a estrutural e a histórico-sistemática. A estrutural

¹² LENIN, 1980, p. 21.

¹³ CURY, 1995.

¹⁴ GRAMSCI, 2000.

¹⁵ PONTES, 2002.

busca a configuração particular do fenômeno nas mediações que o articulam à totalidade concreta e a histórico-sistemática:

[...] ancora-se no fato de que este método necessariamente dirige-se à Gênese de qualquer fenômeno em estudo. Busca arrancar da forma empírica do fenômeno, a raiz histórica de sua constituição, os processos que o constituíram e este enquanto partícipe dos processos. Enfim, a concepção dialética determina a intenção e a ação de compreender as condições que engendram os processos históricos e os sujeitos destes processos nas suas particularidades e potencialidades.¹⁶

A construção da realidade materializa-se por meio dos sujeitos coletivos, sob as mais diversas circunstâncias como referia Marx,¹⁷ neste sentido a constituição da violência também acontece dentro desse movimento, sendo construída por sujeitos determinados. Por isso, é possível apreender que a violência não é um fator inerente à sociedade, mas sim uma construção social e cultural dos sujeitos no decorrer da trajetória da humanidade. Tal construção está intrinsecamente interligada ao modo como as relações sociais estabelecem-se, impreterivelmente as relações entre homens e mulheres, adultos e crianças, no que se refere à violência de caráter sexual. Nessa direção, a análise da História da violência sexual permite apreender o seu processo de constituição nas sociedades e principalmente compreender suas novas manifestações, buscando, à luz da categoria historicidade, elementos para a compreensão da sua perpetuação ainda nos dias atuais. O *desocultamento* da violência sexual sob o aspecto histórico permite revelar como as sociedades, no decorrer da história, posicionaram-se no que tange à vitimização sexual de crianças e adolescentes, desvendando assim as principais transformações sofridas pelo fenômeno. Azevedo e Guerra¹⁸ consideram que as atitudes da sociedade, no que se refere à participação de crianças em práticas sexuais, variam conforme o tempo e espaço, oscilando entre a *aceitação* e a *condenação*. Para o psico-historiador Lloyd de Mause, a história da humanidade, em relação às crianças, está precariamente documentada, inferindo que

a história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais atrás regressamos na História, mais reduzido o nível de cuidado com as crianças, maior a probabilidade de que houvessem sido assassinadas, espancadas, aterrorizadas e abusadas.¹⁹

A naturalização da vitimização sexual é característica marcante das antigas sociedades. Engels²⁰ afirmou que, no primitivismo, a poligamia era considerada como um ato comum e mesmo banal entre homens e mulheres. Imperava um estado que o autor denomina de *promíscuo*, em que o comércio sexual era característica primordial da espécie humana. No mesmo parâmetro das relações incestuosas primitivas, na antiga

¹⁶ PONTES, 2002, p. 66.

¹⁷ MARX, 1999.

¹⁸ AZEVEDO; GUERRA, 1988.

¹⁹ LLOYD DE MAUSE, 1975, p. 20.

²⁰ ENGELS, 2001.

sociedade grega, as relações entre adulto e criança não eram concebidas por meio da repressão sexual, sendo consideradas como uma prática sexual comum na qual o que a conduzia era a condição do indivíduo na sociedade. Por isso, uma relação sexual com uma criança ou púbere (adolescente) era vista como uma prática natural, desde que o adulto (homem) mantivesse uma posição de poder perante outrem.

A moral sexual da antiga sociedade grega foi idealizada e estritamente dirigida a homens, por isso a mulher somente aparece como um objeto, ou no máximo, como a parceira a qual deveria ser vigiada e educada constantemente. Não obstante as diversas mudanças no contexto cultural, que transpassaram os séculos, persistiram ainda após a Antiguidade a imagem do homem como o senhor absoluto da sua família, aquele que detinha o poder sobre sua mulher e filhos, dos quais lhe cabia uma obediência e servidão inquestionáveis. O homem, representado pela figura do pai ou esposo, possuía poder sobre os bens da família e também sobre a conduta dos membros de seu clã familiar. Frente a essas considerações sobre a organização das relações familiares, é imprescindível articular a este movimento de transposição a gênese da família moderna e a sexualidade que permeava suas relações. Ariès,²¹ em seus estudos, revela que brincadeiras sexuais com crianças envolviam a nobreza francesa do século XVI, referindo que Luís XIII era alvo de constantes molestações, advindas tanto de seus pais como dos criados da nobreza. As brincadeiras sexuais, envolvendo crianças, eram práticas naturalizadas, principalmente à nobreza da época. Ariès²² analisa que a partir do século XVIII, surge a noção de inocência infantil, privacidade em que o recato e o resguardo das crianças diante de ações sexuais foram transpassados pelo pudor com as partes sexuais. Conforme Magalhães,²³ o século XVII foi apontado como o período no qual se iniciou a repressão às relações sexuais.

Para o desvendamento da consolidação da cultura patriarcal e machista nas sociedades contemporâneas, principais determinações que influenciam no acometimento da violência sexual, é imprescindível recorrer ao *processo histórico*. Percorrer a constituição da família, no início da civilização, na era do primitivismo, e a hierarquia que se desenvolveu na Grécia Antiga, na organização do núcleo familiar, são subsídios para se compreender a estruturação do regime patriarcal dentro do modo de produção capitalista. A maior dificuldade em analisar o fenômeno da violência de gênero, segundo Saffioti,²⁴ refere-se “à constituição da tríade patriarcado/racismo/capitalismo”, apontada pela autora, não como eixos paralelos, mas sim entrecruzados, em que o patriarcado legitima a assimetria das relações de gênero, a subordinação da mulher ao homem; e o racismo permite ao branco determinar o lugar do negro na estrutura social.

O capital atua como base para a perpetuação das relações desiguais, produzindo, no interior de sua dinâmica nas palavras de Yamamoto,²⁵ a *banalização do humano*. A

²¹ ARIÈS, 2006.

²² ARIÈS, 2006.

²³ MAGALHÃES, 2005.

²⁴ SAFFIOTI, 2007, p. 16.

²⁵ IAMAMOTO, 2008.

invisibilidade das contradições e o esfacelamento de uma perspectiva igualitária, nas relações sociais, contribuem fortemente para o mascaramento das situações de violência sexual. Historicamente, a questão da violência de caráter sexual tem sido resignada às classes sociais empobrecidas, ou seja, atribui-se o aparecimento de tal violência à pobreza, ao desemprego, à vulnerabilidade social e econômica dos sujeitos. No desocultamento do processo histórico da violência sexual, é indissociável a relação entre como essa violência desenvolve-se no seio das relações interpessoais, com a totalidade das determinações que constituem o seu corpo. Neste sentido, apreende-se a importância de inserir, nessa interligação, as relações entre os homens, historicamente determinadas por circunstâncias genéricas e particulares, buscando com isso produzir o movimento do real, a partir da totalidade dos fenômenos que a compõem, especialmente desvinculando-se de perspectivas segmentárias, no sentido de viabilizar maior aprofundamento ou penetração na essência da violência sexual.

2.2 As múltiplas determinações do fenômeno da violência sexual infanto-juvenil

A violência sexual contra crianças e adolescentes, na perspectiva do método dialético-crítico, é apreendida a partir das múltiplas faces e fatores que determinam ou condicionam o seu aparecimento nas relações familiares e sociais. A posição da categoria totalidade, segundo Kosik,²⁶ compreende a realidade nas suas leis, procurando revelar as conexões internas e principalmente situando-se como *antítese* à posição empiricista das manifestações fenomênicas. A totalidade de um fenômeno é mais do que a soma de suas partes, não significa todos os fatos, como aponta Kosik,²⁷ diz respeito à realidade como um todo estruturado, dialético, do qual um fato do todo dialético pode ser compreendido. Assim, Cury refere que

a categoria da totalidade justifica-se enquanto o homem não busca apenas uma compreensão particular do real, mas pretende uma visão que seja capaz de conectar dialeticamente um processo particular com outros processos e, enfim, coordená-lo com uma síntese explicativa cada vez mais ampla.²⁸

A análise do fato deste *todo estruturado* proposta neste trabalho é uma face da violência ainda presente nas sociedades contemporâneas – a violência sexual – que é resultante de um processo macro que envolve a sociedade e sinaliza a violência estrutural. A vitimização de crianças e adolescentes é um fenômeno transversal, abrangendo todos os indivíduos. Tal violência é parte constitutiva das relações capitalistas, que se estabelecem na sociedade contemporânea, sendo indissociável às condições de exploração a que as classes sociais dominadas são expostas. Conforme Silva:

²⁶ KOSIK, 1976.

²⁷ KOSIK, 1976.

²⁸ CURY, 1995, p. 27.

A violência estrutural se materializa envolvendo, ao mesmo tempo, a base econômica entre a economia por onde se organiza o modelo societário (a estrutura) e sua sustentação ideológica (a superestrutura). Claro que isso não significa ressaltar uma dominação mecânica entre a economia e a superestrutura ideológica (a política, a cultura, entre outras). Significa, sim, que para viver os homens necessitam, em primeiro lugar, satisfazer suas necessidades básicas (comer, beber, vestir, etc.) [...]. Assim sendo, a economia não pode ser desconsiderada nesse contexto, o que não significa atribuir-lhe papel único e mecânico ao influir na vida do ser social.²⁹

A violência sexual contra crianças e adolescentes revela o perverso cenário da sociedade brasileira, em que a violência estrutural aparece como característica basilar e precursora para o aparecimento das violências. A violência estrutural é prevacente em sociedades em que existe a distribuição desigual das riquezas socialmente produzidas, a dominação de classes e profundas desigualdades sociais e econômicas. São diversos os fatores condicionantes do fenômeno da violência, estando dialeticamente imbricados na composição da estrutura social. De acordo com Adorno,³⁰ “uma forma de relação social que está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência”. A violência sexual não acomete apenas o contexto brasileiro, é um fenômeno mundial, presente em todas as classes sociais, considerado por isso como transversal, apresentando múltiplas dimensões que complexificam o seu enfrentamento, bem como a compreensão acerca do seu acometimento. A violência sexual é um fenômeno fruto de relações de poder, manifestando-se, segundo Leal e César, como:

[...] produto de relações sociais construídas de forma desigual. O poder do adulto (ou um não adulto, porém mais forte) sobre a criança e o adolescente, que se manifesta num processo de apropriação e dominação não só do destino, do discernimento e da decisão livre destes, mas de sua pessoa enquanto outro.³¹

A violência sexual deve ser apreendida como expressão da questão social, e não como um fenômeno isolado. É importante salientar que a questão social não se expressaria somente na exploração sexual comercial – por seu caráter de relações sociais desiguais, de exploração sobre classes e por acometer majoritariamente as classes empobrecidas. Contudo, é importante ressaltar que violência sexual, nas outras formas em que se manifesta também se constitui como expressão da questão social, uma vez que envolve relações desiguais – de gênero e de faixa etária –, dominação e opressão. Netto³² compreende que a questão social não é unívoca, mas ao contrário, ao seu entorno insere-se compreensões diferenciadas e atribuições de sentido muito diversas, podendo ser apreendida conforme Yamamoto:

²⁹ SILVA, 2012, p.03.

³⁰ ADORNO, 1988, p. 31.

³¹ LEAL; CÉSAR, 1998, p. 15.

³² NETTO, 2001.

[...] como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade.³³

Para compreender como a questão social expressa-se em suas múltiplas manifestações, Yamamoto³⁴ pontua ser importante considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais que ela assume em cada contexto da sociedade. A violência sexual como expressão da questão social, na sociedade contemporânea, também se encontra massivamente impulsionada pelos valores individualistas de consumo exacerbado e, principalmente, da (re)afirmação da cultura machista que se assenta na dominação do adulto sob a criança e o adolescente, que atuam como elementos propulsores para perpetuação de valores ideológicos, culturais e sociais arcaicos, numa sociedade que se julga cosmopolita. Assim Saffioti reflete que

as profundas desigualdades socioeconômicas, no Brasil, constituem caldo de cultura propício à exploração de uns por outros. Muitas vezes, são os próprios pais ou avós das meninas que as oferecem como prostitutas, porquanto não veem outra maneira de conseguir dinheiro para a subsistência da família. Condições de miserabilidade material geram miséria psicológica e pressionam no sentido da obtenção de qualquer recurso para minorar sofrimentos.³⁵

Neste contexto, a criança ou o adolescente transformam-se em mercadoria de venda e troca no balcão da exploração sexual, a violência, no que compreende a exploração, ultrapassa “os serviços sexuais” a que as crianças são expostas. Tal violência é atravessada também por outros aspectos como a violência psicológica, a violação de sua dignidade, além de colocá-las em constante risco, já que as doenças sexualmente transmissíveis aparecem com grande incidência em crianças vítimas de violência sexual. O desvendamento e a interpretação das determinações que incidem sobre a violência sexual exigem que se penetre no seu interior ultrapassando, assim, a constatação imediata, compreendendo segundo Lefebvre que

[...] um ser determinado – um ser vivo, por exemplo – não aparece, à primeira vista, em toda a sua realidade. Ele se forma. Por conseguinte, “aparece” num conjunto de conexões e manifestações e, num primeiro momento, aparece em seu começo, na transição de outra coisa nele: o germe a partir do qual ele se desenvolve no qual ele não está inteiramente, mas onde já está.³⁶

Não reduzir o fenômeno somente ao âmbito do econômico é imprescindível, uma vez que, nas relações de vitimização sexual, a díade dominação-exploração transcende

³³ IAMAMOTO, 2008, p. 24.

³⁴ IAMAMOTO, 2008.

³⁵ SAFFIOTI, 2007, p. 74-75.

³⁶ LEFEBVRE, 1991, p. 216.

as determinações econômicas, estando presente em todas as classes sociais. Tal díade é o elo fundador desta violência, em que as relações de poder incidem diretamente na submissão da criança ao adulto. Tais relações são explicitamente desiguais. De acordo com Saffioti,³⁷ desenham uma hierarquia entre as categorias de gênero e faixa etária. A ideologia machista é o principal instrumento para a perpetuação das situações de dominação-exploração, conferindo conforme Safiotti³⁸ legitimidade às “relações sociais de gênero altamente assimétricas, consagrando-se a subordinação da mulher ao homem, em que há, no processo de socialização do macho, um certo culto à violência”. Frente a isso, é possível ter-se a dimensão do fenômeno da exploração sexual: crianças e adolescentes, pertencentes às classes e aos estratos sociais menos favorecidos, são mais suscetíveis à exploração sexual infanto-juvenil. As condições de pobreza influenciam e principalmente potencializam o cometimento deste crime tão cruel. Segundo Vivarta,³⁹ diversas pesquisas e estudos apontam a pobreza e a exclusão social como os principais fatores que influenciam a exploração sexual infanto-juvenil. O Cecria⁴⁰ afirma que esta violência gera um polo de degradação na vida das crianças e adolescentes, e considera que o criminoso não é somente o explorador, mas também e, principalmente, quem pratica sexo com estas crianças; nesse sentido, Oliveira e Sousa consideram essa expressão da violência como

[...] uma das situações mais graves dos tempos atuais, a violência sexual contra crianças e adolescentes, em suas variadas manifestações, é uma das violações dos direitos humanos que, como todas outras, deixa marcas profundas e severas na vida das pessoas por ela afetadas, comprometendo significativamente a condição cidadã de direitos [...] Tal violação nega-lhes direitos fundamentais, como o direito à vida, à dignidade, à liberdade e ao respeito, direitos que asseguram o amadurecimento da sexualidade em harmonia com sua condição peculiar de desenvolvimento.⁴¹

Diferentemente das situações de exploração do abuso sexual – intra ou extrafamiliar – os determinantes econômicos assumem função secundária. Por ser um fenômeno transversal, os condicionantes de pobreza e miséria não aparecem como preponderantes. A exploração sexual é evidenciada de forma quase totalitária nas classes empobrecidas, que buscam, na exploração comercial – corpo/sexo das crianças e adolescentes –, formas de subsistência. Assim a articulação entre este fenômeno e as classes dominadas evidencia também o grau de desenvolvimento econômico e social dos contextos em que se constata este tipo de violência sexual. Analisar a realidade das crianças e adolescentes vítimas de violência sexual requer uma análise crítica dos aspectos históricos, sociais e culturais que permeiam o cometimento dessa violência na sociedade. Neste sentido, torna-se imprescindível apreender as múltiplas dimensões que este fenômeno assume na contemporaneidade, a partir da perspectiva de totalidade, no

³⁷ SAFFIOTI, 2007.

³⁸ SAFFIOTI, 2007, p. 56.

³⁹ VIVARTA, 2003.

⁴⁰ CECRIA, 2009.

⁴¹ OLIVEIRA; SOUSA, 201, p. 75.

sentido de desvincular-se de apreensões reducionistas e acrílicas acerca desta violação de direitos.

3 A violência sexual e a categoria contradição

A categoria dialética da contradição é considerada o motor da realidade, sendo a principal propulsora do movimento do real. Esta categoria impossibilita a imutabilidade, a estaticidade e petrificação dos fenômenos. A contradição dialética, de acordo com Prates,⁴² é uma negação inclusiva, não é uma relação de exclusão, mas sim de inclusão plena de uma nova tese, por meio da negação do fenômeno, para a sua superação. Para o desvendamento das contradições de um fenômeno (violência sexual) não basta apenas segundo Hegel,⁴³ a reflexão, é preciso, além do processo reflexivo que consiste em constatar as oposições e de passar de uma para outra, estabelecer as conexões existentes entre elas. A presença da negatividade é referida por Pontes⁴⁴ como “a tensão entre as forças que lutam pela manutenção da ordem social e as forças que buscam desestruturá-las”. Neste sentido, a contradição é a categoria dialética que permite apreender o fenômeno nas suas conexões e totalidade, já que a contradição, segundo Coutinho,⁴⁵ não é o todo negando as partes, ou ainda, como partes abstraídas deste todo. Como refere Marx,

[...] uma vez que conseguiu se afirmar como tese, essa tese, esse pensamento, oposto a si mesmo, se desdobra em dois pensamentos contraditórios, o positivo e o negativo, o sim e o não. A luta desses dois elementos antagônicos, encerrados na antítese, constitui o movimento dialético. Tornando-se sim e não, o não tornando-se sim, o sim tornando-se simultaneamente sim e não, o não tornando-se simultaneamente não e sim, os contrários se equilibram, se neutralizam e se paralisam. A fusão desses dois pensamentos contraditórios constitui um pensamento novo, que é sua síntese.⁴⁶

Ao analisar a violência sexual a partir das suas contradições, descobre-se a diversidade de conexões que se estabelecem em torno deste fenômeno. Tais conexões perpassam o campo da teoria e construíram diversas formas de explicar a violência sexual, como também o próprio processo de chegada da denúncia às instituições responsáveis pela atenção a essas situações de violência e o aparecimento e a perpetuação das práticas sexuais, envolvendo crianças e adolescentes. A associação da violência sexual às classes sociais subalternas e às famílias consideradas *desestruturadas*, obscurece a complexidade e multideterminação das situações de violência sexual. A dimensão imediata dessa concepção é balizada por diversos fatores. Primeiro a *criminalização da pobreza*: vista como perigosa e amoral. O determinismo

⁴² PRATES, 2005.

⁴³ HEGEL, 2002.

⁴⁴ PONTES, 2002, p. 60.

⁴⁵ COUTINHO, 2005.

⁴⁶ MARX, 2007, p. 99.

engendrado, nesses dois fatores explicitados, é consequência de um caldo cultural da sociedade brasileira, de ordem econômica, mas, sobretudo ideológica e política. A recusa à diversidade das novas configurações familiares é fruto da construção histórica do ideário da família sagrada, reforçado por teorias lineares, que atribuem às novas famílias a concepção de desestruturação. A pobreza aparece em diversos estudos e pesquisas como o fator determinante para a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, a exploração sexual comercial deve ser apreendida a partir de uma análise que contemple o caráter multifacetado do fenômeno, que envolve tanto relações desiguais de gênero, faixa etária, sociais, culturais, mas também econômicas, conforme elucida o Cecria:

Com relação à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes existem 1 milhão de crianças inseridas no comércio sexual e na pornografia, no mundo inteiro (OMT-Cairo/95). Os indicadores sociais levantados pelo referido Instituto, em 1996, revela que 41.5% das pessoas estão na categoria de sem rendimentos mensais; 15.3% têm rendimentos de até 01 salário mínimo mensal e 12.9% têm rendimentos de 01 a 02 salários mínimos mensais. Estes dados são da média nacional, embora sejam bastante acentuadas as diferenças entre as 05 macro-regiões do país. O salário mínimo atual é de aproximadamente US\$75,00.⁴⁷

Contudo Vivarta⁴⁸ considera ainda outros fatores que dificilmente são pontuados: as atitudes e os comportamentos inerentes a esse crime, a fragilização da vítima, situações de violência (física e psicológica), negligência, o consumo de drogas pelas crianças e adolescentes, que vêm, na possibilidade de venda do corpo, um meio para a obtenção da substância química, como alguns aspectos que podem incidir no envolvimento de crianças e adolescentes de classes médias e altas. O autor⁴⁹ refere que é arriscado, por exemplo, citar a pobreza como principal causa de todas as situações de abuso e exploração sexual cometidas contra crianças e adolescentes, uma vez que ainda é muito pequena a parcela de casos que chegam ao conhecimento da polícia.

Além disso, as discussões sobre a violência sexual não podem ser centralizadas nos binômios vítima/vitimizador e explorado/explorador, uma vez que envolve uma série de outras relações que se formam ao entorno do fenômeno. A ocultação destas outras relações, além de permitir a manutenção das situações de violência, impede o desvendamento das conexões, obstaculiza a construções de estratégias para a interrupção da violação de direitos. Na exploração sexual comercial, existe uma rede que está centrada no lucro comercial advindo da venda do corpo da criança e adolescente que é transformada em mercadoria para fins sexuais. Por detrás desta rede, existem, além dos aliciadores, os “clientes”, os proprietários de prostíbulos e a própria família da vítima. Essa trama de relações engendra um complexo campo de determinações, em constante transformação, adequando-se ao movimento da realidade.

⁴⁷ CECRIA, 1999, p. 8.

⁴⁸ VIVARTA, 2003.

⁴⁹ VIVARTA, 2003, p. 46.

Outro aspecto de suma importância, para se apreender a categoria contradição na análise da violência sexual, refere-se ao estigma construído sobre crianças e adolescentes vítimas de crimes sexuais. Além do sofrimento da violência, da não credibilidade da criança em relação aos adultos, em que muitas vezes os seus relatos são vistos como fantasiosos, existe também a transferência da culpa para as vítimas. A culpabilização das vítimas encontra-se atrelada à sedução e ao consentimento, criando, assim, um estigma que não leva em consideração as *relações de poder, manipulação, indução e pressão para consentir relacionamentos e atividades de caráter sexual*. A gama de fatores que influenciam o acometimento da violência sexual contra crianças e adolescentes é diversificada; portanto, transcende aos fatores psicológicos, incluindo-se neste rol fatores sociais, econômicos e culturais. Neste sentido, a categoria contradição rompe com o determinismo de teorias lineares, ao apontar a diversidade de fatores implicados na dinâmica do fenômeno. Lefebvre considera que

[...] não basta explicar as contradições, mas reconhecer que elas possuem um fundamento, um ponto de partida nas próprias coisas; uma base objetiva real; na verdade mostram que a realidade possui não apenas múltiplos aspectos, mas também aspectos cambiantes e antagônicos. O próprio homem só se desenvolve através das contradições.⁵⁰

Na esfera da complexidade do fenômeno, segundo Prates,⁵¹ é preciso “desvendar a contradição [...] exatamente mostrar os opostos em luta e movimento”, e buscar apreender a profundidade da sua manifestação, por meio da reflexão crítica, ultrapassando a imediatez das aparências fenomênicas. A superação da violência sexual requer apreender suas contradições na totalidade do fenômeno. Exige, deste modo, para Cury⁵² compreender o real como um processo que contém “sem encerrar, o possível numa unidade de contrários”. A transversalidade da categoria contradição, no fenômeno da violência sexual, acomete também os processos de denúncia e das representações estatísticas. A realidade apresentada pelos números divulgados pelos órgãos de recebimento de denúncia (suspeita ou confirmação) não contemplam a universalidade das situações de vitimização sexual. Inúmeras crianças e adolescentes não são contabilizados nesses números. Os dados representam somente uma parcela restrita da realidade, uma vez que somente chegam ao conhecimento público as situações em que a própria família revela o segredo ou quando indivíduos externos ao núcleo familiar denunciam a violência.

Desvendar as contradições impingidas às quantificações das situações de violência sexual, de acordo com Prates,⁵³ é justamente mostrar os opostos em luta e movimento, negar, mas não excluir, é reconhecer a oposição para elaboração de uma síntese, para a superação da realidade fragmentada. O percurso a ser construído

⁵⁰ LEFEBVRE, 1991, p. 30.

⁵¹ PRATES, 2005, p. 137.

⁵² CURY, 1995, p. 31.

⁵³ PRATES, 2005.

impreterivelmente é constituído por políticas públicas comprometidas com a proteção da infância e juventude na promoção e valorização deste segmento social. O caráter multifacetado da violência sexual agrega diversas contradições tanto na própria conceituação teórica quanto na apropriação das suas determinações. O grande desafio para a superação desta violência exige a adoção de estratégias que contemplem as suas múltiplas manifestações, não esvaziando o seu enfrentamento e debate ao reducionismo de certas teorias que ignoram o movimento dialético da realidade.

4 Considerações finais

O desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas é de suma importância para o aprofundamento conceitual da violência sexual contra crianças e adolescentes e, principalmente das estratégias para o seu enfrentamento. O conhecimento provocado pelas pesquisas científicas para o desvendamento da realidade atua como dispositivo que fundamenta as bases operacionais das ações. A procura pela apreensão crítica da violência sexual para a sua superação não pode, de modo nenhum, desconsiderar os fenômenos sociais e econômicos. A segmentação da violência sexual, em sua singularidade, retira a perspectiva de totalidade na busca pela sua essência, o desvendamento das contradições, assim como dos nexos que se interligam para a sua produção e reprodução. A violência sexual, nesse sentido, não pode ser separada das demais expressões da questão social, sendo decorrente das relações desiguais econômicas e sociais, entre gênero, segmento social (criança e adolescente), que resultam nas inúmeras situações de violência.

A análise crítico-reflexiva da violência sexual contra crianças e adolescentes sob a luz das categorias – historicidade, totalidade e contradição – do método dialético-crítico, possibilitou o desvendamento deste fenômeno a partir de uma apreensão com maior profundidade dos fatores engendrados para o seu aparecimento e perpetuação na sociedade contemporânea. Para a discussão dessa expressão da violência contra o segmento infanto-juvenil, em suas múltiplas determinações, abordou-se a violência estrutural como pilar que solidifica as relações de exploração e opressão na sociedade contemporânea, estando intrinsecamente articulada com as demais faces da violência, expressando as marcas historicamente naturalizadas que conduzem às relações desiguais de gênero, faixa etária, etnia, classe social, etc.

Ressalta-se que a violência sexual é a face oculta e banalizada da violência, uma vez que atinge sujeitos, que na maioria, não conseguem verbalizar suas apreensões, seus sofrimentos, revelando assim as situações que violam seus direitos e degradam a condição humana. Por ser um fenômeno complexo com raízes macro-estruturais, existe dificuldade na abordagem e apreensão do ponto de vista conceitual, uma vez que tal expressão de violência incide nas relações sociais, culturais e políticas. No entanto, é imprescindível que a apreensão da violência sexual busque a complexidade das suas multideterminações, uma vez que a construção das estratégias para o seu enfrentamento

encontra-se fundamentalmente atrelada à concepção que norteia os sujeitos responsáveis pela formulação e execução das ações. A análise do fenômeno da violência sexual infanto-juvenil, a partir da perspectiva do método dialético-crítico, possibilita não apenas a apreensão do fenômeno, mas atua como instrumento teórico para sua transformação, uma vez que estabelece a conexão entre a teoria e a realidade, na qual expressam-se as múltiplas violências vivenciadas pela sociedade.

Referências

- ADORNO, S. *Violência e educação*. São Paulo: Mimeo, 1988.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira. *Pele de asno não é só história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Rocca, 1988.
- CECRIA. *Centro de Referência Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes*. Disponível em: <<http://www.cecria.org.br>>. Acesso em: 22 jun. 2009.
- CECRIA. *Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes*. Relatório Final da Oficina. Cese – Coordenadoria Ecumênica de Serviço – Ministério da Justiça/SNDH/DCA- Fundo Cristão Para Crianças, Brasília, 1999.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- CURY, Carlos Roberto. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- DE MAUSE, Lyod. *A história da infância*. Nova York: Harper Torcbooks, 1975.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2001.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEAL, M.L.P.; CESAR, M.A (Org.). *Indicadores de violência intra-familiar e exploração sexual comercial das crianças e adolescentes*. Brasília: Cese – MJ/SNDH/DCA -FCC-Cecria, 1998.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal e lógica dialética*. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.
- LENIN, Vladimir. *O que é marxismo*. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- MAGALHÃES, Ana Paula. *Abuso sexual incestuoso: um tema centrado na criança e na família*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- _____. *A questão judaica*. São Paulo: Moraes, 1970.
- _____. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- NETTO, José Paulo. Cinco Notas a propósito da questão social. *Revista Temporalis*, n. 3, ano II, jan./jun. 2001.
- OLIVEIRA, Maria Luiza; SOUSA, Sonia. *(Re)descobrimos faces da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Goiânia: Cênone, 2010.
- PONTES, Reinaldo. *Mediação e serviço social*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- PRATES, Jane Cruz. O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social. *Revista Temporalis*, ABEPSS, Recife, ano V, n. 9, p. 131-144, 2005.
- SAFFIOTI H. I. B. A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira (Org.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 2007.
- SILVA, Vivian da Veiga. Sociedade, cultura e violência. In: BRASIL. *Expansão em Mato Grosso do Sul*. Capacitação das Redes Locais Caderno de Textos. Brasília, 2012.
- VIVARTA, Veet. *O grito dos inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2003.